

## O impressionismo em “Grande Sertão: Veredas”

**MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA (1927-2016)** - pertenceu à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Faz mais de 60 anos que um livro foi lançado para abalar as estruturas narrativas de nossa literatura e mexer com a sensibilidade de todos os que fazem da palavra o canal das verdadeiras emoções. “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, publicado em 1956, deve ser lido no silêncio dos espaços abertos, com os sentidos em alerta, a fim de que a beleza em seu estado puro atinja cada milímetro de nosso ser e transforme a rotina do dia a dia em instante mágico e único, que nunca mais se repetirá com a mesma intensidade.

Achei pertinente abordar o texto sob o ponto de vista da arte impressionista, segundo a qual, através do fluir do tempo e da soma dos diversos momentos de nossa mutável realidade existencial, logramos a integração da vida espiritual. O presente é resultado do passado, daí a necessidade de recordar para reviver, ressuscitar o tempo perdido. Riobaldo, velho barbaqueiro do Rio São Francisco, viaja nos caminhos do passado. Não é uma viagem às claras. É uma travessia difícil, em que as coisas tomam contornos diversos do que realmente foram, porque Riobaldo carrega uma neblina dentro de si mesmo. Essa neblina é Diadorim, lembrança que o impede de raciocinar. Mordido por serpentes de mil angústias, ele afirma: “Me inventei neste gosto especular de ideias”.

As primeiras oitenta páginas não apresentam sequência lógica. O narrador divaga, sabe que a memória o trai, deforma as coisas, dá-lhes novos aspectos. A narrativa em sua



“Grande Sertão: Veredas” - 1ª edição, José Olympio Ed.

““Grande Sertão: Veredas” é o exercício de uma beleza feita para ser sentida com a mesma adoração dedicada aos mistérios da religião e da ciência”

ordem cronológica tem início “quando o dia se abriu” para Riobaldo. De repente, descobre o vermelho das flores, a agilidade do voo dos pássaros, a presença do amor em descrições reveladoras do momento, característica do impressionismo.

Diadorim é filha de Joca Ramiro, personificação das virtudes do grande herói medieval. Na realidade, é uma donzela que se veste de homem para sobreviver à vida rude do cangaço, para a qual atrai Riobaldo, como cúmplice na luta contra o cruel Hermógenes, assassino de Joca Ramiro. A vingança é o alimento de cada gesto seu, o alento com o qual sobrevive, o fogo que a consome. Para possuir Diadorim, Riobaldo faz parte com o Diabo. Diadorim mata Hermógenes e é assassinada por ele. Após a vitória, com gosto de travo cruel, Riobaldo recebe arrasadora revelação: Diadorim, o moço de mãos brancas, era o corpo de uma mulher perfeita. A dor, impossível de ser represada, irrompe em jatos de violência, para depois continuar de forma atemporal em Riobaldo, prisioneiro para todo o sempre de si mesmo. Permanece no fluxo das lembranças e na dúvida sobre a existência do Diabo e do pacto que fez com ele.

“Grande Sertão: Veredas” é o exercício de uma beleza feita para ser sentida com a mesma adoração dedicada aos mistérios da religião e da ciência. Nenhum livro tem tanta ligação com as artes plásticas pela mistura de cores e sensações, que transportam o leitor ao mundo de beleza em gestação. Vale a pena navegar por suas páginas para descobrir o aprendizado da liberdade. Para saber que a travessia da existência é difícil, faz sofrer, mas vale a pena.

## Um texto teatral de Rubens Corrêa

**PAULO CORRÊA DE OLIVEIRA** - Cadeira nº 15 da ASL

Era o ano de 1992. Recebi de Rubens Corrêa, o grande ator do teatro brasileiro, uma carta: “Este ano Aquidauana vai comemorar seu centenário de fundação. Gostaria de homenagear minha cidade natal. Tenho duas opções, ou levar uma peça existente para apresentá-la aí ou escrever um texto contando minhas lembranças de infância”.

Imediatamente, respondi: “Não tenho dúvidas, um texto escrito por você será de grande valor para essa homenagem”. Ênio, irmão do Rubens, preocupado, veio me solicitar que lhe tirasse essa ideia. “Que interesse poderia ter a vida dele, ainda criança, contada na festa do centenário?”. Disse-lhe que confiava no talento do Rubens e que ficasse tranquilo, pois haveria de ser um trabalho significativo. E realmente foi.

Rubens criou um texto visceral de sua meninice, suas descobertas, seus encantamentos. Até que, aos onze anos, mudou-se com sua mãe para o Rio de Janeiro. Seu texto foi apresentado no palco do Centro Universitário de Aquidauana, de uma forma talvez inusitada para um ator teatral, lendo os escritos, sem memorizá-los, e

sentado. Utilizou, como único recurso cênico, a iluminação vertical vinda de cima de sua cabeça. Baseou sua comunicação na força do próprio texto, na sua inflexão de voz e no gestual, embora contido.

Foi um sucesso inenarrável. A plateia foi tomada pela emoção. E, no final, lágrimas corriam dos olhos da assistência. É incrível que Rubens, lembrado sempre pelos seus papéis de personagens intensos, como o louco, o desvairado, o apaixonado, conseguiu criar um texto tão doce e singelo, e com um extremo poder de comunicação. Rubens relata suas impressões de vida e os acontecimentos que o conduziram a descobrir a arte teatral: o ritual, o cinema e o circo.

Por força de acompanhar sua mãe na Igreja Matriz da cidade, vai sendo tomado pelo fascínio do ritual religioso, a renovação diária da ornamentação dos altares, as devoções especiais, a coroação da imagem de Maria. Muito mais tarde, numa entrevista, Rubens compara o teatro como se fosse um ritual. O despojamento do ator, dando vida ao personagem, seria como um sacrifício ritual. O ator começa a se despir de sua carne, de sua pessoa, para incorporar outra. E esse ritual se renovaria todos os

dias de sua vida, a partir da preparação do ator para entrar em cena.

O Cine Glória, de Aquidauana, cuja inauguração é relatada por Rubens, lhe provoca emoções inusitadas. Os filmes, com as histórias, os personagens, tudo fazia sufocar sua respiração, pulsar diferente seu coração. Descobre em si uma potencialidade para se maravilhar. Foi o início de seu aprendizado artístico. O circo mambembe lhe traz a revelação derradeira, só mais tarde percebida, da arte de contar uma história pela representação. Uma brincadeira fantástica, segundo ele. Descobre a sua fraternidade, a família universal de artistas, comediantes, músicos, acrobatas, palhaços, equilibristas... Seus irmãos!

“Roteiro de Lembranças Aquidauanenses de Rubens Corrêa” é um texto fundamental para se avaliar a grandeza e sensibilidade desse ator e ser humano excepcional. O texto, ou roteiro teatralizado, parte da pequena cidadezinha de Aquidauana dos anos trinta e quarenta para a arte universal da comunicação e da emoção. É um texto fabuloso, e inédito em palco, desde o momento em que Rubens o viveu na festa do centenário de Aquidauana. Rubens Corrêa merece ser lembrado também por esse seu texto imortal.

amarelo em fundo terroso, ipê-branco em noite preta. São lindos! Fazem bater o coração. Parecem plantados no Jardim do Éden. Escorrem gotas de orvalho e harmonia. Hastes que se equilibram no espaço. Instáveis e efêmeros. Receptáculos da atividade celeste. Taças prontas para abocanhar fagulhas de estrelas.

Seus ipês se tornaram murais imensos, espalhados pelos bulevares, pelas fachadas dos prédios e também xilogravuras e mimos delicados, derramando virtudes e auroras pela cidade e pelos seres que caminham por ela: errantes passageiros.

Que estranha coincidência! Isaac partiu sem esforço, numa explosão de tons e matizes intensos, justamente no dia em que nasci: um 23 de setembro, dia consagrado à primavera, à poesia, às mágicas inflorescências. Também ele tinha uma alma de ipê.

## Alma de Ipê

**RAQUEL NAVEIRA** - Cadeira nº 8 da ASL

Tenho alma de ipê. Nasci no Cerrado, no Centro-Oeste, na primavera, no dia 23 de setembro, quando ele, finalmente, floresce. As folhas cruzadas e oblongas caíram todas, deixando o tronco escuro, cheio de sulcos e fissuras, semelhante a uma escultura de madeira nobre. Aí, de repente, pelada de todo orgulho, transbordo flores. Cachos impressionantes. Florada fantástica. Amarela. Pequenas cornetas que atraem bicos de colibris e zunidos de abelhas. Depois, as flores caducarão, cobrirão o chão como um tapete dourado, ardente ao sol de inverno.

Igualmente belos os ipês-roxos, róseos e os brancos, que combinam com a lua e os lagos. A palavra “ipê” vem do tupi “i pé” e significa “árvore cascuda”. Com ela os índios confeccio-

navam arcos e flechas, por isso é também conhecida como “pau-d’arco”. Uma lei oficializou o ipê-amarelo, num campo verde, como símbolo nacional.

Houve um artista plástico para quem o ipê foi fonte de inspiração, marca de essência e sopro. Parece que ele foi colhendo pelo solo as pétalas dos ipês, no final das estações, misturando com água e éter, calcando o sumo na sua paleta de cores. Esse pintor chamava-se Isaac de Oliveira, publicitário baiano, formado em Belas Artes, que residiu toda uma vida em Campo Grande. Direcionou sua arte de gestos rápidos, texturas únicas, camadas grossas de tinta a óleo, para as musas, as flores, a fauna pantaneira, principalmente peixes e pássaros. Mas os ipês tornaram-se a sua marca especial, impactante, encantadora. Vou passando os olhos por suas telas: ipê-roxo em fundo azulado, ipê-

## Mundo Novo

**NELLY MARTINS (1923-2003)** - pertenceu à ASL

Percorrendo os caminhos da história, vê-se que a cerâmica acompanha o homem através do tempo. Melhor dizendo, nasceu com ele quando Deus fez o homem do barro. Falta ao ceramista o sopro divino para que suas peças também se transformem em seres vivos. É a cerâmica tida como arte menor, uma vez que não alcança grandes alturas.

Alguém, sentindo a pequenez a que reduzem o barro, quando serve de fôrma para o bronze, disse: “Ele é a paz, o bronze é a arma, peça de guerra que fere, corta, destrói”. O barro serve e o bronze castiga, um é a vida, outro a morte. Não sinto bem assim e aprendi, rápido, a amar o barro. Os elementos fundamentais da natureza se juntam, ar, água, terra e fogo e, numa combinação magistral, fazem nascer, através dos tempos, obras de arte, fazemos mais variados campos do vasto mundo.

Me lembro ainda do dia em que nos encontramos frente a Nefertite, a mais bela rainha de todos os tempos. Feita por ceramista anônimo, seu busto irradia grande beleza em salão nobre de um museu em Berlim.

Clarinha levou-me a conhecer esse novo mundo no centro de estudo de Neide Ono. Essa artista de talento, simples e modesta, criou espaço onde jovens e velhos dançam ao som dos grandes clássicos, pintam, fazem arranjos florais, amas-

sam e modelam o barro. Modelam e criam peças de formas e cores várias. Ao saírem do forno, essas peças são recebidas com suspense. Prestou? Não? Para onde foi o rosa que pinteí? De onde esse azul água? O resultado ora é bom, ora decepciona. Mesmo assim, moldando a terra, descobri um novo mundo. Moldando o barro, vejo nascer presépio, sagrada família, anunciação de Maria e coisas outras. Moldando o barro, eu me afundo num novo mundo.

## +POESIAS

### Estrela Azul\*

De repente aquele claro instante ganhou luz... azul... semblante, um prelúdio, uma estrela, um tom azul...

Nesta aura em leve pulsação azul sonhei um coração... azulizando a vida, o sonho num risonho seduzir...

Contemplei o lume da harmonia, me vesti de primazia e no azul eu viajei...

Assim velejei tantos encantos, afagando afinal o real em sonhos azuis...

Ah, se aquela estrela agora estivesse no azul desta messe escutando o meu blues...

**RUBENIO MARCELO**

\*Poema abordado no recente Vestibular da UFMS, nas questões 14 e 15 da prova, em 4/12 p.p.

### Sonho Universal

Quero que o beija-flor... fugaz... minúsculo...  
Pouse em mim seu enorme amor de ninho;  
E que o voraz condor, gigante em músculo,  
Me ensine o voo lânguido e mansinho...  
Quero da rosa abrir o belo opúsculo  
E ler de Deus as preces entre espinho...  
Quero meu microcosmo bem maiúsculo  
Para tangê-lo, em luz, no meu caminho...  
Quero a fluidez das horas vespertinas  
Desmaiando em minh'alma comovida  
Sons e cores de ocasos em ruínas...  
Quero, enfim, ver o sol, sem escarcéu,  
Amando a virgem noite, então rendida,  
Tingindo em sangue azuis lençóis de céu!

**GERALDO RAMON PEREIRA**

### Convulsão

mar!  
obsessão do poeta  
entrega cabal, irrestrita  
aconchego de corpo e alma  
o toque salgado é fragrância de vida  
essência  
embalo  
beijo que se perde na umidade da areia  
mar e poeta - junção  
convulsão  
capricho  
castigo de vagalhões e temporais  
vê no farol distante  
o lar que não mais existe  
enamorado  
lança-se nas águas turbulentas  
seus olhos não mais alcançam a terra  
nada na conquista de outros mundos.

**ANA MARIA BERNADELLI**

### Haicais

Perfuma-se todo o machado que golpeia cheiroso sândalo.

É antigo dizer o velho sol para todos igualmente nascer.

O pantaneiro chão à habitação de cupins chama-se tacuru.

**J. BARBOSA RODRIGUES**